

ANALYSE ET COMMENTAIRE DE TEXTES OU DOCUMENTS EN PORTUGAIS

Durée : 6 heures

Analysez et commentez, en portugais, les documents suivants :

A CONDIÇÃO FEMININA EM PORTUGAL

DOCUMENT I

Revolução e mulheres

Elas fizeram greves de braços caídos. Elas brigaram em casa para ir ao sindicato e à junta. Elas gritaram à vizinha que era fascista. Elas souberam dizer salário igual e creches e cantinas. Elas vieram para a rua de encarnado. Elas foram pedir para ali uma estrada de alcatrão e canos de água. Elas gritaram muito. Elas encheram a rua de cravos. Elas disseram à mãe e à sogra que isso era dantes. Elas trouxeram alento e sopa aos quartéis e à rua. Elas foram para as portas de armas com os filhos ao colo. Elas ouviram falar de uma grande mudança que ia entrar pelas casas. Elas choraram no cais agarradas aos filhos que vinham da guerra. Elas choraram de ver o pai a guerrear com o filho. Elas tiveram medo e foram e não foram. Elas aprenderam a mexer nos livros de contas e nas alfaias das herdades abandonadas. Elas dobraram em quarto um papel que levava dentro uma cruzinha abandonada. Elas sentaram-se a falar à roda de uma mesa a ver como podia ser sem os patrões. Elas levantaram os braços nas grandes assembleias. Elas costuraram bandeiras e bordaram a fio amarelo pequenas foices e martelos. Elas disseram à mãe, segure-me os cachopos, senhora, que a gente vai de camioneta a Lisboa dizer-lhes como é. Elas vieram dos arrabaldes com o fogão à cabeça ocupar uma parte da casa fechada. Elas estenderam roupa a cantar, com as armas que temos na mão. Elas diziam tu às pessoas com estudos e aos outros homens. Elas iam e não sabiam para onde, mas que iam.

Elas acendem o lume. Elas cortam o pão e aquecem o café esfriado. São elas que acordam pela manhã as bestas, os homens e as crianças adormecidas.

Maria Velho da Costa, *Cravo*,
Lisboa, Ed. Moraes, 1975.

DOCUMENT II

A evolução das mentalidades depois da Revolução dos Cravos

Os anos 70, sobretudo o advento do 25 de Abril, abriram a consciência a muitos feminismos até aí esquecidos, e a noção de igualdade de oportunidades e direitos entre homens e mulheres começou a ganhar forma com outra consistência.

Na lei portuguesa, o marido era tradicionalmente o chefe de família : « o marido é o chefe de família, competindo-lhe nessa qualidade representá-la e decidir em todos os actos da vida conjugal comum, sem prejuízo do disposto nos artigos subsequentes.» O governo doméstico era a principal actividade atribuída à mulher. A Constituição de 1976 e as modificações ao Código do Direito Civil operadas depois da revolução estabelecem já grandes diferenças, afirmando o

direito da mulher à realização profissional em igualdade com o homem, bem como a paridade do poder maternal e do paterno. Deixa de haver a figura do chefe de família e a mulher pode viajar ao estrangeiro sem a autorização do marido [...]

O divórcio surge logo depois do 25 de Abril como o direito legítimo de homens e mulheres a reconstruírem as suas vidas depois de um casamento fracassado. O casamento, antes considerado indissolúvel e sagrado, pela Concordata passou a ser um pacto cujos limites temporais dependiam unicamente dos consortes. Pelo Decreto-lei nº267/ 75, de 27 de Maio, passou a ser permitido o divórcio aos indivíduos que se tivessem casado pela Igreja. Esta lei permitiu um afluxo de divórcios, muitos dos quais já o eram de facto mas só então passaram a ter expressão de lei. Também os casamentos católicos decresceram com o 25 de Abril.

Nos meios urbanos é vulgar que a aceleração do ritmo de vida ande a par com a mudança de costumes e de hábitos. Assim, o modo como o divórcio se instalou no quotidiano dos grandes centros urbanos não se assemelha ao que aconteceu nos meios rurais. E é de um Portugal a vários tempos que se fala ainda hoje, quando nos referimos aos hábitos e costumes dos Portugueses.

O casamento pós-25 de Abril consagra no essencial uma paridade dos cônjuges no que respeita a direitos e deveres. Claro que muitos hábitos se foram alterando paulatinamente, e os *media* tiveram uma poderosa influência na difusão de padrões mais abertos. A família deixou de ser uma célula fechada para o exterior, para se abrir a influências. O aborto, considerado um tema tabu da sociedade portuguesa até ao 25 de Abril, também foi despenalizado, em determinadas circunstâncias especiais, já em 1984. As consultas de planeamento familiar foram abertas à população, alertando-se para a necessidade de famílias e jovens terem consciência da importância da contracepção para evitar uma gravidez não desejada.

José Medeiros Ferreira,
Portugal em transe, 1974-1985,
in José Mattoso (coord),
História de Portugal, vol. 8,
Lisboa, Ed. Estampa, 1994.

DOCUMENT III

Junho de 1998 : Referendo sobre o aborto

Em 1974, no calor do 25 de Abril, o Movimento Democrático das Mulheres incluía a despenalização do aborto num documento a saudar a revolução. O tabu, porém, viria a ser quebrado em 1982, pela mão do Partido Comunista Português. A proposta não passou e só dois anos depois, com uma « aliança » de esquerda, foi revista a lei que penalizava o aborto. O assunto apaixonou a opinião pública e fez correr rios de tinta nos jornais. Nas ruas, sucediam-se as manifestações. Hoje, passados 14 anos, os protagonistas são diferentes, mas o calor do debate é tão ou mais intenso. Isso ver-se-á até ao referendo sobre a despenalização do aborto, dentro de exactamente um mês, a 28 de junho, o primeiro na história da democracia.

Nuno Simas, « Um tabu português que vai a votos »,
Diário de Notícias, 28/05/1998

A maioria dos portugueses, 68 por cento, abstiveram-se de optar no primeiro referendo realizado em Portugal. À pergunta, « concorda ou não com a despenalização da interrupção voluntária de gravidez até às dez semanas, a pedido da mulher, desde que realizado em estabelecimento hospitalar legalmente autorizado? », 50,9 por cento dos participantes nesta consulta responderam que « não » e 49,1 por cento disseram « sim ». Menos de 50 mil votos separaram as duas opiniões em confronto.[...]

Norte e Sul dividiram-se completamente entre o « não » e o « sim ». Curiosamente, o distrito do Porto votou maioritariamente contra a despenalização do aborto e em Lisboa deu-se exactamente a situação inversa. A capital e o sul do País mostraram-se mais « tolerantes ». A maior votação percentual do « não » registava-se nos Açores, 82 por cento.

« Maioria ignorou o referendo »,
Diário de Notícias, 29/06/1998.

DOCUMENT IV

Quando Portugal for das mulheres

No ano 2020, 64% da população activa em Portugal será constituída por mulheres. Não, não é um cenário virtual. São dados retirados de uma excelente análise organizada pelo Instituto Nacional de Estatística sobre « A situação da mulher em Portugal », a propósito do recente Dia Internacional da Mulher[...]

Há mais mulheres que homens na sociedade portuguesa (5,1 milhões em 1997 representando 51,9% da população ; as mulheres tendem a recuperar o grande defasamento dos níveis de instrução que as separava dos homens ; a taxa de variação do número de mulheres com ensino superior relativa a licenciaturas foi cerca de três vezes superior à dos homens (23,1% contra 6,7%) ; as mulheres tendem a retardar o casamento e o nascimento dos filhos e o adiamento da fecundidade é proporcional ao aumento do nível educacional ; e a esperança de vida à nascença é, para as mulheres, em média, sete anos superior à dos homens.

Quer isto dizer que a sociedade portuguesa se está a feminizar ; que as mulheres, que estavam em maior número entre os estudantes universitários e que também já eram minoritários entre os assistentes deste grau de ensino, chegarão inevitavelmente a ser a maioria entre os catedráticos ; e que, com quotas ou sem quotas, terão cada vez mais posições destacadas ao nível político, económico, social e cultural. Ou seja, evoluímos para uma sociedade matriarcal, e esse será um dos traços dominantes que marcará o século XXI [...]

Para já, o que se pode dizer é que o envelhecimento da população feminina tem vindo a acentuar-se. Entre 1990 e 1997, as mulheres com menos de 15 anos viram o seu peso entre a população total feminina reduzir-se dos 18,9% para 16%, enquanto o peso das mulheres com idade superior a 65 anos passou de 15,4% para 17,1%. Outro dado é que o número de mulheres divorciadas está em crescimento acelerado : 1,3% do total em 1990 contra 2,4 em 1997, a que se juntam 1,6% de mulheres separadas. 10,9% de viúvas e 35,1% de solteiras. Em consequência, desde a década de 80 que as mulheres não têm filhos suficiente para assegurar a substituição de gerações (2,1 crianças em média por mulher), embora desde 1996 se denote uma ligeira subida desse valor.

Fica uma ultima questão : qual o papel dos homens no Portugal de 2020 ? Provavelmente, ficar em casa, tomar conta das crianças, fazer os trabalhos domésticos — e lutar pelos nossos direitos enquanto grupo social minoritário. Ou não ?

Nicolau Santos, *Expresso*, 19/3/1999